

Pelos Campos da Nação: um Goal-Keeper nos Primeiros Anos do Futebol Brasileiro

Leonardo Affonso de Miranda Pereira

O dia amanheceu nebuloso no Rio de Janeiro naquele distante 21 de dezembro de 1919. As nuvens baixas e os chuviscos ocasionais anunciavam o dia como uma boa ocasião para se ficar em casa. Naquela manhã de domingo, entretanto, acontecia algo de estranho no bairro das Laranjeiras. Apesar das condições climáticas adversas, inúmeros grupos se formavam desde as primeiras horas do dia nas calçadas, esperando aquele que seria o grande acontecimento da semana: a partida decisiva do campeonato da Liga Metropolitana de Futebol, disputada entre o Clube de Regatas do Flamengo e o Fluminense Foot-ball Club no estádio que este havia construído no ano anterior¹.

A partida despertava grande interesse pela cidade. Nos bondes, nos cafés, nos teatros, não se ouvia falar em outra coisa nos dias anteriores². O jogo era, nas palavras de um jornal do período, “a preocupação máxima do carioca”³. Às três horas os portões já estavam fechados, apesar de o início da partida estar marcado para as quatro e quinze da tarde. Embora a partida fosse disputada no maior estádio da América do Sul, com capacidade para 18 mil pessoas, não havia mais lugar para ninguém – fosse nas cadeiras numeradas, que custavam quatro mil-réis, ou nas gerais, que custavam apenas um quarto deste preço⁴.

Do lado de fora, cerca de 5 mil torcedores, impossibilitados de assistir ao jogo, continuavam firmes aguardando o desfecho. Dentro, nas tribunas de honra, o próprio presidente da República, Epitácio Pessoa, acompanhado pelo ministro da Marinha, pelo prefeito do Distrito Federal e pelo chefe de polícia da capital, prestigiava o grande evento esportivo tão esperado por torcedores espalhados por toda a cidade. Juntos, eles presenciavam ali não somente os dribles, os gols e as defesas sensacionais da partida. Eles assistiam ao coroamento de um processo que, tendo neste jogo o seu apogeu, dava forma definitivamente a um novo fenômeno que tomava conta do Rio de Janeiro: a febre do futebol, que nos últimos anos espalhara-se como uma vertigem pela capital federal.

Não que o jogo da bola fosse novidade na cidade. Desde as últimas décadas do século XIX os cariocas ouviam falar do tal esporte bretão que, praticado em muitos países vizinhos, como a Argentina e o Uruguai, chegava ao Brasil pelas mãos daqueles que se empolgaram com as suas qualidades no velho continente. A grande assistência que prestigiava aquele jogo, entretanto, indicava que algo de estranho estava acontecendo no até então fechado mundo esportivo carioca. Se até aquele momento o jogo ainda podia ser visto por alguns como um evento para poucos, ele rapidamente se transformaria, ao lado do carnaval e da malandragem, num dos marcos da nacionalidade e da identidade brasileira – num processo que teria seu apogeu na década de 30, quando o governo de Getúlio Vargas tentaria transformá-lo num grande símbolo da nação⁵.

Para grande parte da bibliografia que vai tratar do tema, parece ser exatamente a década de 30, quando Getúlio assumia a presidência, o momento no qual o futebol teria conseguido superar sua marca elitista para converter-se num fenômeno social – transformando um jogo estrangeiro, que seria até então um privilégio das elites locais, num grande fenômeno de massas⁶. Segundo estas análises, os grupos iletrados somente passariam a se aproximar do futebol já com a implementação do profissionalismo, a partir das condições criadas nos primeiros anos do novo governo. Ao fazer deste o momento em que negros e pobres teriam, enfim, conseguido firmar sua presença no jogo, estas análises reproduzem um movimento paralelo àquele que define a emergência naquele momento das classes populares como sujeito político que viria a romper com a estrutura oligárquica da chamada República Velha⁷. O Estado e os seus agentes seriam, assim, elementos importantes no processo de popularização e consequente nacionalização do futebol – o que faria do jogo uma espécie de instrumento de manipulação e de dominação, do qual os grupos iletrados seriam meros objetos. À multidão presente no estádio, reunida não em nome de um ideal político ou de alguma reivindicação social, restaria o papel de mero coadjuvante deste processo, do qual seriam simples vítimas. Construída de cima

para baixo, a própria história do país ganha a sua mais perfeita tradução nas histórias habitualmente contadas sobre o futebol.

Esta não é, no entanto, a única história que pode ser contada sobre as primeiras décadas do jogo da bola no Brasil – e, ousado dizer, não é sequer a mais rica para que compreendamos o processo que o transformaria, anos depois, em um verdadeiro símbolo nacional. Precisamos fugir destas análises históricas rígidas e estanques, que fazem da história do jogo uma mera repetição da grande história projetada para o país. Para tanto, podemos seguir a experiência de um dos muitos jogadores dos primeiros tempos do futebol no Brasil. Assim escapamos da estreiteza daquela memória projetada pelos que fizeram uso deste esporte e nos debruçamos sobre a indeterminação do processo histórico, a experiência dos seus sujeitos. É o caso de Marcos de Mendonça, um goleiro que fez a sua carreira esportiva ao longo da década de 10. No concorrido jogo daquela tarde de domingo em que fez a sua despedida do futebol, o consagrado goleiro do Fluminense era a prova viva de que algo vinha mudando nos gramados cariocas.

Nosso personagem estava longe de ser um jogador qualquer. Obtendo fama e prestígio nos campos, ele se tornaria, ao final de sua carreira, um grande ídolo nacional, que para muitos personificaria a glória do futebol no Brasil. Filho de uma família aristocrática, Marcos nasceu em 1895 no Arraial de Meia Pataca, atual Cataguases, no estado de Minas Gerais. Já aos seis anos mudou-se com sua família para o Rio de Janeiro. A cidade atravessava um grande surto de febre amarela, que matou sua prima de dez anos e sua avó e contaminou o jovem Marcos⁸. Passado o drama da chegada, entretanto, ele logo se entregou ao cosmopolitismo da capital da República. Levava uma vida semelhante à de muitos outros garotos endinheirados de sua idade, educados nos melhores colégios da cidade e sempre a par das últimas novidades trazidas da Europa.

Uma destas novidades, Marcos conheceu de perto em 1905, quando tinha ainda cerca de dez anos. Viu, pela primeira vez, uma partida de futebol disputada entre um time paulista e um carioca, com uma pequena assistência⁹. O fascínio do jovem Marcos pelo jogo foi imediato. Logo em seguida ele começou a se iniciar nas artes do jogo da bola nos campos próximos à sua casa, passando em 1908 a frequentar, com mais regularidade, os jogos do campeonato da Liga Metropolitana dos Sports Atlético. Torcia “loucamente” pelo América Foot-ball Club – em cujo segundo time já jogava seu irmão Luiz. Ansiando pela possibilidade de figurar como ele entre os distintos jogadores que participavam do campeonato da Liga, Marcos observava com atenção os jogos, tentando deste modo aprender os princípios do elegante esporte.

A sedução que o jogo exercia sobre Marcos não era, entretanto, difícil de ser explicada. De fato o futebol era marcado, em seus primeiros anos no

Brasil, por uma imagem de grande refinamento, que fazia dele uma verdadeira moda entre os jovens das mais ricas famílias da cidade. Se na Inglaterra ele já arregimentava grandes públicos desde meados do século XIX, constituindo-se mesmo como um elemento de identidade operária¹⁰, no Brasil da virada do século ele era um jogo para poucos – constituindo-se em um fator de distinção.

Praticado no Brasil desde a década de 80 do século XIX nas escolas dirigidas por padres jesuítas e irmãos maristas, o jogo tomara-se também conhecido em 1890 pelos alunos do Colégio Abílio, um dos mais importantes do Rio de Janeiro – embora não exatamente com as regras utilizadas nos campeonatos ingleses¹¹. O início do século XX – quando Marcos chegou ao Rio de Janeiro – registrou uma expansão ainda maior neste quadro. Formados nas escolas elegantes da cidade, onde se praticava o esporte bretão, e nas universidades inglesas e suíças, onde muitos iam estudar, comerciantes e bacharéis entregavam-se mais intensamente ao jogo da bola¹². Oscar Cox, comerciante e filho de ingleses, foi um dos primeiros. Depois de várias tentativas frustradas de promover o novo esporte, através de jogos entre sócios de diferentes clubes compostos por ingleses – os quais costumavam ter mais jogadores do que torcedores¹³ –, ele decide fundar um clube destinado unicamente ao futebol. Nasceu assim, em 21 de julho de 1902, a partir de uma reunião realizada na casa de Horácio da Costa Santos, o Fluminense Foot-ball Club¹⁴.

Não eram só os esportistas reunidos em torno de Oscar Cox, entretanto, que se interessavam pelo jogo da bola. Em vários outros bairros este interesse logo resultaria na criação de clubes com a mesma finalidade. Já em 1904 aparecia, por iniciativa de um grupo de jovens estudantes, o Botafogo Foot-ball Club¹⁵. No distante bairro de Bangu, um grupo de funcionários ingleses da Companhia Progresso Industrial tentava havia anos, sem sucesso, fundar uma agremiação semelhante – o que finalmente conseguem, com o apoio de sua fábrica, em abril de 1904¹⁶. No ano seguinte, com cinco clubes em atividade, é fundada a Liga Metropolitana de Futebol, que passa a promover a partir de 1906 os campeonatos cariocas que logo teriam Marcos Mendonça como um torcedor cativo¹⁷.

A marca aristocrática desta liga – que cobrava duzentos mil-réis para filiar os clubes, além de uma mensalidade de vinte mil-réis¹⁸ – faz dos jogos por ela patrocinados verdadeiros eventos sociais para a mais distinta mocidade carioca. O futebol, como o curso carnavalesco, o cinematógrafo e o *footing* na Avenida, transformou-se numa grande moda entre os rapazes e moças das mais finas famílias da cidade, que faziam dos estádios verdadeiros pontos de encontro e de flerte. Considerado um jogo moderno e elegante, o futebol conquista a simpatia de jovens que, como Marcos Mendonça, sonhavam em participar do seletivo grupo autodenominado de *sportsmen*. Ser um *sportsman* era, assim, estar

a par do que havia de mais moderno e elegante, constituindo-se como um grande elemento de distinção.

No caso de Marcos, entretanto, assim como no de muitos outros jovens como ele, esta não era uma opção tão tranqüila. A novidade do jogo da bola, se logo conquistou a simpatia da mocidade carioca, não venceu tão facilmente a desconfiança de muitas famílias que temiam os efeitos do esporte sobre a saúde de seus filhos e os proibiam de praticá-lo. Decididamente a educação física, incorporada havia pouco no currículo escolar obrigatório, ainda não tinha sido absorvida pelas elites cariocas – fosse pelos efeitos nocivos que traria à saúde ou pelo desprestígio das atividades físicas em detrimento das intelectuais¹⁹.

Isso obrigou muitos jovens a praticar o esporte bretão escondidos da família²⁰ – inclusive o próprio Marcos. Embora tivesse um irmão mais velho engajado no futebol, ele foi nos primeiros anos obrigado a praticar o jogo da bola sem que sua família soubesse. Com a saúde debilitada pela febre amarela que contraíra na infância, agravada por um forte sarampo e por uma infecção intestinal²¹, ele foi proibido pelos parentes e pelos médicos de exercer qualquer tipo de atividade física. Contribuiu para isto o fato de ter, nos anos de primário, desmaiado durante a primeira série de exercícios que fez na aula de ginástica²². Estes problemas físicos, somados à desconfiança que a educação física ainda despertava nos primeiros anos deste século, fizeram com que Marcos fosse proibido de correr e se esforçar: se quisesse mesmo praticar o esporte bretão, que fosse no gol, onde a atividade física seria menor e mais moderada²³.

Começava assim, por conta de uma restrição médica, a carreira de mais um *goal-keeper*. Com um metro e oitenta e cinco de altura, Marcos tinha estatura privilegiada para a posição, o que garantiria seu prestígio entre os colegas e seu lugar no time. Em 1908, ele formou, juntamente com outros meninos de seu bairro, um pequeno e modesto time de futebol – sugestivamente intitulado “Brasileiro Foot-ball Club”. Depois de quatro partidas, no entanto, Marcos acaba deixando de lado o fraco e desprestigiado time dos amigos, virando um espectador assíduo dos jogos dos clubes da Liga Metropolitana – que, ao contrário do seu time, reuniam a nata da mocidade carioca, que saudava os jogadores com grande devoção.

Marcos passou dois anos longe dos campos, observando das arquibancadas a atuação dos maiores goleiros do período – como Baby Alvarenga, do América, Álvaro Werneck, do Botafogo e Waterman, do Fluminense²⁴. Eis que, no dia 8 de julho de 1910, ele foi assistir a mais uma partida entre o Fluminense e o recém-fundado Hadock Lobo, de cujo primeiro time seu irmão Luiz passara a fazer parte. Não sabia que estava para acontecer o que anos depois ele descreveria como “tudo que se pode imaginar de mais imprevisto”²⁵. Ayres Barroso, o goleiro do Hadock, custava a chegar no campo do Fluminense, onde

seria realizada a partida – pois, em um período em que o futebol era um simples divertimento para jovens de boas famílias, muitas vezes outras obrigações sobrepujavam-se ao compromisso esportivo. Temendo por sua ausência, o capitão do Hadlock Lobo reúne seu time para descobrir uma solução para o problema. Luiz, seu irmão, sugeriu que era a hora de dar uma chance ao jovem Marcos, que tinha então os seus 15 anos.

Marcos, é claro, aproveitou bem sua oportunidade. Embora seu time tenha perdido a partida por cinco a zero, o jovem goleiro teve uma atuação reconhecida pela crônica esportiva do período – tendo, inclusive, defendido um pênalti quando o jogo ainda estava no dois a zero. Daí em diante, Marcos integrou o time principal do Hadlock, sendo unanimemente reconhecido pela imprensa por suas “belíssimas defesas” – destacando-se ainda ser ele um goleiro “com excelente golpe de vista, colocando-se perfeitamente bem e com uma escora de mãos segura e firme”²⁶. O jovem Marcos transformava-se assim, nas páginas da imprensa, no grande Marcos Mendonça, a nova revelação dos campos cariocas.

O modesto time do Hadlock Lobo, no entanto, logo ficou pequeno para o futebol do grande Marcos. Sendo, como seus irmãos, sócio do América Foot-ball Club – uma das mais poderosas equipes do período –, Marcos Mendonça passou a defender a camisa vermelha do prestigiado clube. Isto aconteceu quando o goleiro titular, Baby Alvarenga, passou a atuar pelo Botafogo, abrindo a vaga para o jovem goleiro que se revelava. Titular do América aos 16 anos, Marcos Mendonça vai ganhando fama rapidamente. Nos meses seguintes ele foi saudado unanimemente pela imprensa como o goleiro que fazia “defesas que a todos se afiguravam impossíveis”, um “ultra-extraordinário *goal-keeper*”²⁷. Uma revista chegou mesmo a caracterizá-lo como o “primeiro *goal-keeper* do Rio” – apreciação que, com o passar do tempo, tornou-se cada vez mais comum na imprensa, que fazia de Marcos “um verdadeiro herói”²⁸.

Vários fatores, além da técnica exibida nos gramados, ajudam a explicar o fascínio que Marcos Mendonça causava na torcida e nos cronistas esportivos. Sendo o futebol um esporte inventado e difundido por ingleses, o aparecimento de grandes jogadores brasileiros fascinava a imprensa, empenhada em nacionalizar o jogo da bola. Já em setembro de 1911 Marcos recebeu do presidente da Liga Metropolitana de Sports Atléticos uma carta convidando-o a participar do time de brasileiros que enfrentaria uma equipe composta pelos ingleses que atuavam na primeira divisão da cidade²⁹ – confronto vencido pelos ingleses. Esta distinção entre os jogadores nacionais e os ingleses pode explicar, em grande parte, o deslumbramento da imprensa por Marcos Mendonça. É que, rivalizando com ele como o melhor *goal-keeper* do campeonato, estava Robin-

son, um goleiro inglês que jogava no campeonato carioca. Maravilhados por verem um jogador brasileiro competir tão fortemente com um inglês, os mais diversos jornais tomam a sua defesa – como aconteceu em 1913, quando o jornal *O Imparcial* comenta a convocação de um time da Liga carioca para enfrentar os paulistas (cujo goleiro titular era Robinson): “Ora, no gol temos Marcos, cujo jogo rivaliza com o de Robinson; por um espírito de raça, devemos preferi-lo, mesmo porque é um pouco mais calmo que seu rival³⁰.” Mais do que a calma e a técnica de Marcos, era sua nacionalidade que interessava ao desapontado articulista. Com o futebol consolidando-se por entre a mocidade carioca, era hora de se fazer brotar os valores da terra, dando espaço aos *sportsmen* nacionais que começavam a querer tomar dos ingleses a supremacia do jogo nos campos cariocas.

Um outro fator alimentava a precoce consagração alcançada por Marcos Mendonça. Sendo o futebol no período um esporte elitizado e “moderno” – ao menos entre os times que participavam da primeira divisão da Liga Metropolitana –, articulistas e torcedores o aclamavam como verdadeiro símbolo de elegância. De fato, o estilo de Marcos era marcado por uma elegância incomum, reconhecida até pelos adversários. É o caso do capitão de um time italiano que, tendo enfrentado Marcos em 1914, elogia “a maneira elegante por que joga” – a qual, embora pudesse parecer para a arquibancada um “jogo de efeito”, era para ele “natural e despretensiosa”³¹.

Natural ou não, o estilo de Marcos cativava o crescente público que afluía aos estádios – em especial nas alas sociais onde, desde os primeiros tempos do futebol na cidade, concentravam-se as jovens torcedoras. Significativa, neste sentido, é uma crônica publicada em 1914 na revista *Foot-ball*, intitulada “Foot-ball e o Amor”. Dizendo ter encontrado nas arquibancadas de um jogo do qual Marcos participava uma carta caída do “bolsinho mignon” de uma “elegante senhorita habitué do campo da Rua Guanabara”, o cronista transcreve para o leitor o conteúdo da suposta carta – na qual, em um tom apaixonado, era saudado o “elegante defensor”. Embora ironizasse a atração que estas jovens sentiam pelo grande goleiro, o articulista indicava, assim, o poder de sedução que sua imagem de elegância gerava – que chega a atrair, em 1913, uma jovem de nome Ana Amélia. Depois de escrever versos nos quais descreve Marcos “como um deus a baixar do Olimpo”, ela seria apresentada ao jovem goleiro por suas primas, logo tomando-se sua namorada³². Além dos versos, ela escreve uma carta para Marcos, na qual descreve seu “impulso frenético” ao ver a “magnífica figura” do goleiro, pintado por ela como “um grego”, o “herói de uma olimpíada”³³.

Representante de uma mocidade distinta e saudável, Marcos Mendonça era, para os defensores do futebol, a imagem perfeita da glória do esporte no

Brasil. Uma apresentação elegante era, assim, fundamental – algo que Marcos parecia saber bem: neste tempo entrava em campo sempre com sua camisa de seda. Isso ficaria marcado na lembrança de torcedores como Mário Lago, que ainda criança foi assistir a um de seus jogos e lembrava sua elegância, “não só nas defesas mas também na maneira de se vestir”³⁴. Ele era, na definição do literato Humberto de Campos, “aristocrata em tudo”, jogando futebol “com a gravidade de um sacerdote”³⁵. Alimentada pela sua elegância e por sua nacionalidade, a fama do jovem goleiro consolidou-se rapidamente. Os *sportsmen* cariocas tiveram nele um grande símbolo – que juntava, na sua imagem vitoriosa, a ênfase na técnica esportiva, a força do espírito esportivo nacional e a elegância indispensável aos adoradores do esporte bretão no país. A conquista do campeonato de 1913 pelo América só veio reforçar a imagem do jovem goleiro – que acabaria por ser a imagem perfeita da glória do esporte no Brasil.

Esta imagem se consolidou ainda mais em 1914, quando Marcos, movido por conflitos internos no América, deixa o clube e passa a atuar pelo Fluminense – o mais antigo e tradicional dos clubes futebolísticos da cidade³⁶. O novo clube parecia realmente o lugar ideal para um jogador como Marcos. Embora o futebol se alastrasse rapidamente pela cidade, os sócios do Fluminense mantinham-se distantes dessa popularização. Ainda em 1904 o presidente Francis Walter propunha o aumento do valor da jóia paga para ingresso no clube, que de início custava cinco mil-réis, para a quantia de cinquenta mil-réis, a fim de evitar o crescimento desenfreado de seus quadros. Com 175 associados, o Fluminense já teria, na opinião de fundadores como Horácio da Costa Santos, “sócios demais”³⁷. Ainda que o aumento da jóia não tenha sido tão elevado como queria o presidente, ficava clara a tentativa dos membros do Fluminense de, restringindo as possibilidades de acesso de estranhos ao clube, torná-lo imune à grande difusão que o futebol vivia na cidade nestes anos. Isso fez com que o clube, junto com outros times da primeira divisão da liga, se tornasse um oásis de elegância em meio ao crescente prestígio que o jogo ia ganhando por entre os mais diversos grupos sociais.

O fenômeno era, certamente, percebido por Marcos. Estimulada pelo surgimento de grandes ídolos como ele, crescia rapidamente a popularidade do jogo da bola – um esporte bastante acessível à população, que costumava jogá-lo nos terrenos baldios com bolas de borracha ou até mesmo com laranjas ou embrulhos de papel³⁸. Novos clubes apareciam por todos os cantos da cidade. A cada ano a secretaria de polícia da capital recebia dezenas de pedidos de aprovação de estatutos e licença para funcionamento destes clubes esportivos – entre os quais aparecem agremiações de diferentes regiões, como o Catete Foot-ball Club, fundado em 1909; o Ouvidor Foot-Ball Club, de 1911; o Bambina Foot-Ball Club, fundado em 1914; o Municipal Foot-ball Club e o Tijuca Foot-ball

Club, de 1915; e o Bom Sucesso Foot-Ball Club, de 1916³⁹. Apareciam ainda clubes ligados a diferentes categorias profissionais, como os bancários ou os operários – como o Carioca Foot-ball Club, fundado ainda no início do século pelos trabalhadores da fábrica de tecidos Carioca⁴⁰. Mesmo os negros, excluídos dos clubes da primeira divisão da Liga Metropolitana, passavam assim a ter a chance de praticar, em times como o Andaraí ou o Mangueira, o tão elitizado esporte⁴¹. Não é de se estranhar, deste modo, que ainda em 1912 um cronista já defina o jogo como “o sport preferido dos brasileiros”⁴². Longe de continuar como diversão exclusiva dos círculos mais ricos da cidade, o futebol tornava-se rapidamente um fenômeno social que em muito extrapolava os pequenos grupos de jovens da alta sociedade que antes detinham a exclusividade do jogo da bola.

Ao jogar no Fluminense Marcos evitou misturar-se no campo com outros grupos que não davam ao futebol o mesmo sentido de jovens elegantes como ele, mas não escapou de assistir à rápida disseminação do esporte por entre torcedores das mais diversas camadas sociais, que tinham nele um de seus maiores ídolos. Seu estilo calmo e seguro lhe valia não só o reconhecimento generalizado da crítica esportiva, mas também a grande admiração da torcida. Ainda que algumas vezes suas más atuações tenham sido tomadas como prova de que ele estaria “francamente em decadência”⁴³, como escrito em artigo de novembro de 1917, seu prestígio entre a torcida da cidade não parava de crescer. Se para os jornais paulistas, engajados então numa acirrada disputa regionalista para saber em qual cidade era praticado o melhor futebol do Brasil, Marcos parecia alguns anos antes não ter “nada que justificasse a fama que possui”⁴⁴, no Rio de Janeiro ele era aclamado em delírio – como num jogo entre paulistas e cariocas em fevereiro de 1919 no qual, sendo vencedor o time de Marcos, ele é ovacionado pela torcida e caracterizado por um jornal como “o baluarte dos cariocas”⁴⁵. Embora fizesse questão de reafirmar sua requintada imagem de *sportman* – uma espécie de símbolo de um tempo no qual o futebol ainda era um elegante jogo restrito a um reduzido círculo social –, Marcos virou um grande ídolo para a massa de torcedores que passava a acompanhar os jogos de seu time.

A consagração definitiva de Marcos Mendonça, no entanto, ainda estava para vir, com a grande vitória que conseguiria pelo selecionado brasileiro no campeonato sul-americano de 1919, disputado no Rio de Janeiro. Nele Marcos Mendonça experimentaria uma sensação que com os anos era cada vez mais freqüente em sua carreira: a de figurar como um grande ídolo nacional, respaldado pela crescente popularidade que o futebol ia ganhando nos mais diversos estados do país. As vitórias dos últimos anos, como a obtida em 1914 por um combinado de cariocas e paulistas contra o Exceter City, time profissional

da Inglaterra⁴⁶, trouxeram aos torcedores brasileiros uma grande expectativa de sucesso. Os ingressos para os jogos do Brasil, vendidos em diversos estabelecimentos comerciais espalhados pela cidade, custavam cinco mil-réis para as arquibancadas e três para as gerais – equivalentes à reforma de um chapéu, a duas entradas para o cinematógrafo ou à assinatura mensal de *O Paiz*⁴⁷. Os que não pudessem entrar no estádio – fosse por falta de dinheiro ou por não achar mais ingressos à venda – podiam ainda assim acompanhar as partidas em plena avenida Rio Branco, onde o jornal *O Paiz*, utilizando-se de seu serviço telefônico, colocou na porta de sua redação um painel no qual informava o público sobre o desenrolar dos jogos⁴⁸.

Os treinos amistosos realizados nas semanas que antecederam o torneio sul-americano já haviam atraído ao estádio uma enorme e diversificada assistência. Não sendo mais tão “seleto” como os *sportsmen* que assistiam aos jogos dos primeiros tempos da carreira de Marcos Mendonça, este público causava distúrbios nos treinos – vaiando e perseguindo jogadores que não fossem de seu agrado, para desespero daqueles que queriam ver no futebol um estímulo à fraternidade e ao trabalho em grupo⁴⁹. Eram as partidas oficiais do campeonato, entretanto, as mais esperadas pelos torcedores. Na partida dos brasileiros contra os argentinos, uma revista chegou a calcular o público em cerca de 40 mil – estimativa que somava a capacidade total do estádio à presença de uma numerosa multidão que nos terrenos e morros vizinhos⁵⁰. O mesmo aconteceu nos outros jogos, com estádio e morros lotados⁵¹. Na avenida Rio Branco, a multidão espremia-se por todos os cantos, ansiosa por saber notícias sobre o andamento da partida⁵².

Depois de sucessivas vitórias, o Brasil chegou enfim à grande final contra o Uruguai. Mais do que qualquer outro, o jogo literalmente paralisou a cidade. Nas repartições públicas, por ordem do presidente da República, houve ponto facultativo. Os bancos não funcionaram no dia da grande final, e grande parte do comércio fechou suas portas às 12 horas para que seus funcionários pudessem acompanhar o jogo⁵³. Marcos Mendonça, Friedenreich e seus companheiros eram os grandes nomes do dia. Eles justificariam toda a expectativa no campo de jogo. Com o estádio tomado, fosse nas suas arquibancadas e gerais ou em seu entorno, eles entraram em campo com a camisa branca do selecionado brasileiro. Pelo aspecto das arquibancadas, o jogo parecia uma grande festa. Na avenida Rio Branco, o tamanho da multidão que fechava a rua fez com que muitos fossem obrigados a acompanhar de binóculos os resultados afixados no placar⁵⁴.

No tempo normal, a partida terminou empatada em 0 x 0, levando a decisão para a prorrogação. Quando o tempo da prorrogação estava para terminar, sem mudanças no placar, o uruguaio Scarone recebeu a bola na

intermediária brasileira e chutou com força contra o gol. O zagueiro brasileiro, que encobria a visão do goleiro, desviou a bola chutada pelo uruguaio, enganando Marcos Mendonça, que foi obrigado a usar toda sua técnica para evitar o gol que daria a vitória aos uruguaios. Foi, nas palavras do próprio goleiro, “a mais importante e mais incrível defesa” de toda a sua vida⁵⁵. Garantido outro empate, o jogo continuou em outra prorrogação, na qual Friedenreich, o outro herói do dia, marcou o gol que deu o título ao Brasil⁵⁶.

Era a consagração definitiva de Marcos Mendonça e seus companheiros. Por toda a cidade, desde a estação do Méier até o Café Lamas, “inúmeras e intermináveis manifestações foram levadas a efeito”⁵⁷. Os jogadores brasileiros eram louvados como verdadeiros ídolos, sendo cantados em prosa e verso pelos cronistas e pelo público⁵⁸. Marcos era, ao lado do centroavante paulista Arthur Friedenreich, o alvo maior das saudações, como mostrava o jornal *O Paiz*, que comentava que o goleiro “esteve impecável”: “Calmo e senhor da situação, não o vimos titubear um só momento. Foi um dos heróis da tarde. Fez defesas difíceis. O povo, ao terminar, carregou-o em triunfo.”⁵⁹ Consagrado como verdadeiro “herói” popular, Marcos Mendonça atingia assim sua glória suprema – não só em meio aos autodenominados *sportsmen*, dos quais era um dos maiores representantes, mas também entre os diversos grupos que se espalhavam pelas ruas na comemoração do campeonato.

Passada a euforia pela conquista, entretanto, Marcos ainda teria pela frente mais um campeonato carioca – no qual o Fluminense poderia alcançar um inédito tricampeonato, conquistando definitivamente a Taça Colombo. Voltemos, portanto, ao lotado estádio das Laranjeiras naquele chuvoso domingo de 1919. A conquista do título sul-americano serviu de grande estímulo ao campeonato estadual, cujo público aumentou consideravelmente naquele ano. Isto explicava a grande expectativa gerada pelo jogo final do campeonato, quando o Fluminense enfrentaria o Flamengo sob os olhares atentos de toda a cidade – naquele que seria, segundo *O Paiz*, “o maior acontecimento da história do ‘foot-ball’ regional”⁶⁰.

Para regozijo da torcida tricolor presente no estádio, o Fluminense venceu o jogo por 4 X 0, com uma grande exibição de seu time – e, em especial, de seu goleiro, que no momento de maior perigo salvou o gol em três chutes seguidos do ataque do Flamengo⁶¹. Após o apito final, uma multidão, “composta de sócios e afeiçoados do vencedor”, invade o campo, carregando novamente os jogadores vencedores nos ombros. Na saída de campo os jogadores do Fluminense foram saudados com grande quantidade de serpentina. Marcos era novamente festejado pela torcida como um verdadeiro herói, “o primeiro arqueiro da América do Sul”, segundo o jornal *O Paiz*. A festa entrou pela noite,

quando diversos torcedores, com a bandeira do clube, ainda faziam passeatas pelo centro da cidade, “dando vivas e hurras ao club campeão”⁶².

O apogeu de sua glória, entretanto, não demoveu Marcos de Mendonça da decisão de, após o campeonato, largar o futebol. O reconhecimento geral do grande público, se por um lado alimentava sua grande vaidade, por outro tirava do jogo de bola muito da elegância e da distinção que o levaram a aderir ao esporte alguns anos antes. Definitivamente o futebol já não era naquele momento o mesmo que nos seus primeiros tempos de jogador. A torcida que o saudava nas arquibancadas e gerais do estádio não era mais composta, como no início da sua carreira, somente por jovens e elegantes rapazes e moças das mais finas famílias da cidade, e o estádio muitas vezes não era um espaço de encontros e flertes, e sim um palco de disputas e brigas entre diferentes grupos⁶³. Mesmo dentro dos campos, a mudança era evidente: segundo uma reportagem publicada por uma das grandes revistas esportivas do período, o Rio de Janeiro tinha em 1920 cerca de 16 ligas diferentes – nas quais jogavam mais de 13 mil jogadores, fora aqueles de times não filiados a quaisquer ligas⁶⁴. Até categorias profissionais pouco valorizadas, como os lixeiros, estavam fundando seus próprios clubes futebolísticos, mostrando que o futebol estava muito longe de ser um esporte de poucos⁶⁵.

Mesmo os times da Liga Metropolitana iam, aos poucos, abrindo espaço para jogadores que não tinham a mesma posição social daqueles dos primeiros tempos do jogo – fazendo com que em 1920 um articulista do *Jornal do Brasil* reclamasse que “alguns jogadores não tinham o nível social de há uns anos atrás”⁶⁶. Dados como estes justificam a afirmação feita no ano anterior por um cronista que, falando do progresso extraordinário do futebol, dizia já ser ele o esporte que contava “com o maior número de adeptos” no Rio de Janeiro⁶⁷, e nos ajudam a entender o teor das transformações sofridas pelo jogo ao longo da carreira de Marcos de Mendonça.

Na memória de Marcos, estas transformações teriam acabado com o futebol tal como ele o conheceu, marcando “o limite do amadorismo puro aqui no Brasil”. A grande popularização do jogo acirrava a disputa entre os diferentes clubes, obrigando-os a abrir lugar para jogadores que não tinham mais o mesmo perfil econômico, social e até racial dos primeiros anos do jogo da bola no Brasil. Ao invés de associados dos clubes, os campos são tomados por indivíduos de classes pobres que tinham no futebol um meio de sobrevivência e uma fonte de prestígio⁶⁸. Lamentando a mudança, Marcos falava com saudades de seus primeiros tempos no futebol, quando a presença de dois mil torcedores já era “um grande sucesso de público”: “A gente pagava para jogar. O clube só entrava com a bola e as instalações. Chuteira, meia, camisa, todo o material, era o atleta que comprava. Eu pagava uma mensalidade de cinco mil réis.”⁶⁹

Marcos relembrava, saudoso, o tempo em que o futebol era um *hobby*, praticado por pessoas que, como ele, tinham outros meios de sustento: os verdadeiros *sportsmen* – como Walfere e Oswaldo Gomes, seus companheiros na zaga do Fluminense, que eram professores respectivamente do Ginásio Anglo-Brasileiro e do Colégio Alfredo Gomes⁷⁰. Formado em engenharia e casado desde 1918 com Ana Amélia, a jovem que lhe escrevera os versos em um jogo de 1913 – herdeira de uma grande indústria siderúrgica que ele passaria depois a administrar – Marcos Mendonça, com apenas 24 anos, decidiu abandonar os campos no final do campeonato de 1919.

Terminava assim, asfíxiada pela rápida difusão do jogo da bola, a carreira daquele que era considerado o maior *goal-keeper* do Brasil. É bem verdade que, nos anos seguintes, Marcos Mendonça não conseguiria se livrar tão facilmente de seu passado.

Viajando pelo Brasil por obrigação de suas novas funções como homem de negócios, era como goleiro de renome que o “grande Marcos”, visto como “um nome nacional”, era saudado pela imprensa de todo o Brasil⁷¹. Marcos Mendonça, entretanto, ficou descontente com os rumos tomados pelo futebol. Embora pensasse que o esporte bretão concorrera muito “para o desenvolvimento físico dos nossos rapazes”, já teria dado “tudo o que podia dar”. Ele preferiu colocar seu prestígio na propaganda de outra causa: em 1922, era o atletismo que merecia a maior parte de sua atenção, como ele diz numa entrevista dada ao jornal *A Notícia*, de Recife⁷².

Definido como um “nobilíssimo gênero de sport”, o atletismo é caracterizado por Marcos como um verdadeiro “criador de beleza”. A campanha em favor deste esporte era encarada por ele como uma espécie de missão nobre, que ajudaria a aproximar o Brasil de uma tendência mundial:

A preocupação hoje em dia em toda a parte do mundo é formar homens plasticamente perfeitos, como na Grécia Antiga (...). É uma campanha essa de regeneração social porque o que procuramos principalmente é formar “homens”, na acepção rigorosa do termo. Não é apenas “cultura profissional da força pela força” que buscamos mas o sentido da saúde e a compreensão da beleza.

Buscando nos exercícios do atletismo a “regeneração” para os males sociais do país, Marcos de Mendonça parece não ver mais no futebol, tomado pela tal “cultura profissional da força pela força”, um esporte capaz de manifestar o “sentido da saúde e a compreensão da beleza” buscado por ele. Invadido por grupos que já não o viam do mesmo modo que os jogadores pioneiros, o futebol teria assim perdido, em sua opinião, seu poder transformador – que Marcos atribuía, agora, ao atletismo.

Terminava desta forma, junto com a pompa e a distinção que marcavam a identidade deste *sportsman*, a carreira daquele que era considerado o maior *goal-keeper* do Brasil. Embora ainda viesse a atuar pelo Fluminense em mais uma ou duas partidas do campeonato de 1922, Marcos Mendonça manteve a sua decisão de não mais participar regularmente do jogo que o consagrou como um grande herói nacional.

Decerto, Marcos Mendonça nem imaginaria naquela época a grande popularização que, ao longo das décadas seguintes, transformaria o futebol num elemento marcante da vida do país. Apesar de ter-se tornado ao longo dos anos um rico industrial, presidente do Fluminense em 1941, membro do Conselho Nacional do Trabalho no governo Getúlio Vargas, candidato a deputado federal em 1950 pela UDN e membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ele seria sempre caracterizado por todos como “o eterno *goal-keeper*”⁷³. Nas lembranças de seus contemporâneos ou nos registros da imprensa, era o goleiro o mais importante de todos os personagens representados por Marcos Carneiro de Mendonça.

Entretanto, os caminhos e descaminhos de sua carreira esportiva apontam para uma história muito mais complexa do que aquela que marca em 1930 uma repentina transformação do futebol em fenômeno de massas. O próprio Marcos Mendonça parecia perceber, já em 1919, algo que ainda hoje fica muitas vezes obscurecido pela construção desta memória unívoca e totalizante sobre a história do esporte e do país: apesar de todo o sucesso que alcançara em campo ao longo daquela década, o jogo de bola era, então, algo muito diferente daquele jogo de elegância e distinção pelo qual ele se fascinara alguns poucos anos antes. Perdendo o sentido para Marcos, o futebol era incorporado por diversos outros grupos que, tomando o jogo nas mãos, davam a ele novos sentidos e significados, acabando por transformá-lo em uma verdadeira febre.

A decepção de Marcos Mendonça com a popularização atravessada pelo futebol naquele período nos indica, ainda que involuntariamente, a necessidade de olhar de forma mais complexa a consolidação social do nacionalismo nas décadas seguintes. Longe de ser um mero resultado da manipulação do Estado sobre a sociedade, a popularização do nacionalismo ligava-se ao amplo processo que, testemunhado por ele, dava forma à empolgação que o jogo ia despertando nos mais diversos grupos. Abrindo mão de uma lógica que insiste em só enxergar ação nos grupos letrados ou no Estado, devemos assim buscar uma compreensão mais aprofundada das diferentes instâncias da construção de identidades que permearam esta consolidação do jogo de bola. O futebol, compondo já durante o Estado Novo uma das bases do ufanismo nacional apropriado pelo governo de Getúlio Vargas, seria cristalizado como um grande símbolo da identidade brasileira.

Notas

1. Um relato minucioso da partida encontra-se em Paulo Coelho Neto, *O Fluminense na intimidade* (Rio de Janeiro, 1975), vol. 3, p. 2930; *O Paiz*, 22 de dezembro de 1919.
2. *O Paiz*, 20 de dezembro de 1919.
3. *O Paiz*, 21 de dezembro de 1919.
4. Sobre os preços, conferir o noticiário esportivo de *O Paiz* de 14 de dezembro de 1919.
5. O próprio Getúlio Vargas afirmava em 1941 para João Lyra Filho saber que “o futebol exerce uma função social importante”, tendo o poder de “conciliar até mesmo o ânimo dos integralistas com o dos comunistas”, o que o teria levado a criar o Conselho Nacional de Desportos como forma de direcionar esta força. Cf. João Lyra Filho, *Cachimbo, pijamas e chinelos* (São Paulo, Ed. Edaglit, 1963), p. 263.
6. Bastante difundida entre a crônica esportiva, esta visão se encontra, entre outras, na obra pioneira de Mário Filho, *O negro no futebol brasileiro* (Rio de Janeiro, Firno, 1994).
7. Sobre o caráter oligárquico atribuído por muitos historiadores às primeiras décadas da República, cf. entre outros, Edgar Carone, *A Primeira República* (São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1969). Esta é porém uma concepção que, tendo marcado fortemente a historiografia da década de 60, está presente também em análises posteriores que, mesmo criticando a associação dos acontecimentos de 1930 com o modelo clássico da revolução burguesa, mantinham intocada a idéia de que 1930 marcou o momento de emergência das classes populares enquanto sujeito político, negando

implicitamente suas possibilidades de ação autônoma durante as primeiras décadas da República. Cf. Boris Fausto, *A Revolução de 30. Historiografia e história* (São Paulo, Brasiliense, 1994 [1970]).

8. Cf. *Correio da Manhã*, 15 de agosto de 1967; e *Jornal do Brasil*, 29 de maio de 1984.

9. É o que ele mesmo conta, num artigo escrito em 1926, no qual se baseiam as informações dos parágrafos seguintes. *O Sport*, 21 de junho de 1926.

10. Segundo Eric Hobsbawm, na Inglaterra “o futebol como esporte proletário de massa quase uma religião leiga foi produto da década de 1880, embora os jornais do noite já ao final da década de 1870 houvessem começado a observar que os resultados de jogos de futebol, que eles publicavam somente para preencher espaço, estavam na verdade atraindo leitores”. Eric Hobsbawm, *Mundos do trabalho* (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987), p. 262

11. Cf. Luiz Edmundo, *De um livro de memórias* (Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1958), p. 334-337; e Roberto Mércio, *A história dos campeonatos cariocas de futebol* (Rio de Janeiro, Studio Alfa, 1985), p. 16.

12. Paulo Coelho Neto, *O Fluminense*, vol. 2, p. 25.

13. Cf. Luiz Edmundo, *O Rio de Janeiro do meu tempo* (Rio de Janeiro, Xenon, 1987), p. 329; e Paulo Coelho Neto, *O Fluminense*, vol 2, p. 76.

14. Carlos Dropp, “O 13º aniversário de fundação do Fluminense Football Club”, *Sports*, 6 de agosto de 1915.

15. Carlos Dropp, "Botafogo Football Club, o 13º aniversário de sua fundação", *Sports*, 14 de agosto de 1915.
16. Cf. Gracilda Alves de Azevedo Silva, *Bangu 100 anos, a fábrica e o bairro* (Rio de Janeiro, Sabiá, 1989), p. 104.
17. Gracilda Alves de Azevedo Silva, *Bangu 100 anos*, p. 105.
18. Cf. *Estatutos da Liga Metropolitana de Sports Atléticos aprovados em assembléia geral de 18 de fevereiro de 1907* (Rio de Janeiro, Tip. Leuzinger, 1907).
19. Paulo Buarque de Macedo, jogador contemporâneo de Marcos de Mendonça e que participou do depoimento que este cedeu ao MIS, afirma que "havia de fato, de princípio, um certo receio [pelo futebol]. As famílias tinham receio que seus filhos fizessem este esporte violento com medo de que eles se machucassem". Cf. Marcos de Mendonça, *Depoimento*, Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, 1967.
20. Era o caso, entre outros, de Amarante, que jogava no Flamengo no tempo em que Marcos iniciava sua vida esportiva: em 1913, por ocasião de um jogo entre a seleção da Liga e o América, ele não pôde aparecer na foto do time que defendia pois seu pai, um comerciante português residente em São Paulo, o proibia de praticar o esporte, obrigando-o a atuar no campeonato com o pseudônimo de Zalaican. Cf. Marcos de Mendonça, *Football Recortes de Jornal*. Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos.
21. Cf. *Jornal do Brasil*, 29 de maio de 1984.
22. Cf. entrevista dada por Marcos de Mendonça ao jornal *O Globo* em 2 de novembro de 1982.
23. Cf. Marcos de Mendonça, *Depoimento*. Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, 1967.
24. Marcos de Mendonça, in *O Sport*, 21 de julho de 1921.
25. Marcos de Mendonça, *Football Recortes de Jornal*. Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos, I 18,16,1, p. 1.
26. Cf. Marcos de Mendonça, *Football Recortes de Jornal*.
27. Apud Marcos de Mendonça, *Football Recortes de Jornal*, p. 8-10.
28. Cf. Marcos de Mendonça, *Football Recortes de Jornal*.
29. Cf. Marcos de Mendonça, *Football Recortes de Jornal*.
30. *O Imparcial*, 7 de novembro de 1913.
31. Cf. Marcos de Mendonça, *Football Recortes de Jornal*.
32. Cf. *Domingo*, ano 4, n. 163, apud Marcos de Mendonça, *Football Jogos Internacionais*. Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos, I 18,17,1.
33. Cf. Anatol Rosenfeld, "O futebol no Brasil", in *Negro, macumba e futebol* (São Paulo, Edusp/Ed. da Unicamp/Perspectiva, 1993), p. 81.
34. Cf. depoimento prestado em 1979 por Mário Lago à revista *Placar*, *As maiores torcidas do Brasil – Fluminense*, abril de 1979, p. 26.
35. P.F. Lópidas (Humberto de Campos), "Pés... de Anjo Marcos", *A Maça*, 1 de julho de 1922, apud Marcos de Mendonça, *Football Recortes de Jornal*. O goleiro chega a ser acusado pelo cronista de se recusar, em nome de sua elegância, a pular em bolas que o obrigassem a cair no gramado e sujar sua camisa de seda: "a bola passa, mas ele não arrasta a camisa no chão". O próprio Marcos Mendonça, no

depoimento prestado ao MIS, reconheceu que não costumava pular no chão, o que ele justificava pela sua técnica.

36. Comentando muitos anos depois em seu álbum este episódio, Marcos de Mendonça afirma ter sido sua transferência o “resultado da politicagem interna do clube, que deu lugar ao meu afastamento do mesmo, indo com outros mais para o Fluminense”.

37. Cf. *Sports*, 6 de agosto de 1915; e Paulo Coelho Neto, *O Fluminense na intimidade* (Rio de Janeiro, 1969), vol.2, p. 77.

38. Cf. Carlos Sussekind de Mendonça, *O sport está deseducando a mocidade brasileira* (Rio de Janeiro, Emp. Brasil Editorial), p. 55.

39. Arquivo Nacional, S.P.D.F., IJ6 597, IJ6 563, IJ6 648.

40. Cf. *O Paiz*, 17 de março de 1920.

41. Cf. as fotos presentes no álbum de Marcos de Mendonça.

42. “O Sport e o FootBall”, *AutoSport*, 1 de outubro de 1912, *apud* Marcos de Mendonça, *Football Recortes de Jornal*.

43. Marcos de Mendonça, *Football Recortes de Jornal*, p 332.

44. Marcos de Mendonça, *Football Recortes de Jornal*, p. 286.

45. Marcos de Mendonça, *Football Recortes de Jornal*, p. 469.

46. *A Tribuna*, 22 de julho de 1914; e *Jornal do Brasil*, 22 de julho de 1914.

47. Cf. *O Paiz*, 24 de maio de 1919.

48. Cf. *O Paiz*, 22 de maio de 1919.

49. A respeito destes incidentes, a Comissão Técnica Terrestre da Confederação Brasileira de Desportos lançou um apelo ao público para que evitassem tais manifestações, lembrando

ser esta uma atitude “impatriótica”. Cf. *O Paiz*, 26 de abril de 1919.

50. Cf. *O Jockey*, 17 de maio de 1919.

51. Conferir as fotos do álbum de Marcos de Mendonça. Marcos de Mendonça, *Football Jogos Internacionais*.

52. Conferir as fotos do álbum de Marcos de Mendonça. Marcos de Mendonça, *Football Jogos Internacionais*.

53. Cf. *O Paiz*, 29 de maio de 1919.

54. Cf. *O Paiz*, 30 de maio de 1919.

55. Cf. Marcos de Mendonça, *Football Jogos Internacionais*.

56. Cf. *O Paiz*, 30 de maio de 1919.

57. Cf. *O Paiz*, 30 de maio de 1919.

58. O maestro Luiz Nunes Sampaio, por exemplo, no mesmo dia compôs um samba em homenagem aos jogadores brasileiros: “Bianco e Píndaro / Na defesa/ Garantem ao Marcos / Com firmeza //(...)// Aí brasileiros! É barbada / Sapequem a negrada no chão! / Nosso Brasil desta viajada / É mesmo de fato o campeão”. Cf. *O Paiz*, 30 de maio de 1919.

59. *O Paiz*, 30 de maio de 1919.

60. *O Paiz*, 22 de dezembro de 1919.

61. *O Paiz*, 22 de dezembro de 1919.

62. *O Paiz*, 22 de dezembro de 1919.

63. Conferir, por exemplo, o incidente ocorrido em 1920 num jogo entre o “Metropolitano” e o “São Paulo e Rio”, que resultou em um tiroteio entre torcedores. *Sport Ilustrado*, 18 de setembro de 1920.

64. *Sport Ilustrado*, no. 5, 4 de setembro de 1920.

65. Era o caso, por exemplo, do time formado entre os membros da Superintendência de Limpeza Pública, chamado “Prefeitura Municipal F. Club”. Cf. *Sport Ilustrado*, 21 de agosto de 1920.

66. *Jornal do Brasil*, 3 de maio de 1920.

67. "O Nosso Concurso de Football", *Época Sportiva*, n.6, 10 de maio de 1919.

68. É o que acontece, ainda no início da década de 20, com o Vasco. Patrocinado pela colônia portuguesa, o clube monta um time de jogadores talentosos recrutados nos subúrbios do Rio, em sua maioria negros e pobres que não tinham o mesmo prestígio e as mesmas condições financeiras dos jogadores que costumavam fazer parte dos times da Liga metropolitana. Cf. José Sérgio Leite Lopes, "A vitória do futebol que incorporou a pelada", *Revista USP*, n. 22, agosto 1994, p. 6871.

69. Entrevista concedida por Marcos de Mendonça ao *Correio da Manhã*, 13 de abril de 1970.

70. Cf. Paulo Coelho Neto, *O Fluminense na intimidade*, vol.2, p. 5355.

71. Cf. *Diário da Bahia*, 5 de abril de 1922; e *A Notícia*, 12 de abril de 1922.

72. *A Notícia*, 12 de abril de 1922.

73. A expressão, utilizada por ele mesmo, está citada numa crônica de Jota Efegê intitulada "O goleiro que fez seu nome se sobrepor ao do Evangelista". Apud Marcos de Mendonça, *Football Recortes de Jornal*.

(Recebido para publicação em janeiro de 1997)